

PARA REMEMORAR O ACONTECIMENTO

Mariana Luz Pessoa de BARROS

*"A vida é um romance sem enredo
(De um manuscrito de José Egon Barros da Cunha)"¹
(NAVA, 2003, p. 11)*

Nos gêneros autobiográficos², busca-se resgatar o passado, o que está ausente. Apenas a linguagem é capaz disso. A linguagem constrói a imagem presente de um passado que só existe na memória. E, como bem mostra Ricoeur (2003, p. 16), a ausência, da qual fala essa imagem, pode ser a ausência de uma ficção, de uma fantasia, de uma alucinação ou de uma coisa real, o que traz à tona a problemática da fronteira entre a memória e a imaginação, a lembrança e a ficção. A dificuldade de estabelecer os limites entre o "real" e o ficcional parece ser exacerbada, então, pelos discursos da memória.

Para tratar dessa questão crucial aos gêneros autobiográficos, vamos trabalhar com o conceito de contrato de veridicção. Não é tarefa de um estudioso do discurso estipular o grau de ficcionalidade dos textos de acordo com sua relação com referentes reais ou não reais. Greimas (1983), herdeiro da tradição saussuriana da linguagem, não leva em conta um referente externo ao texto ao abordar a questão da verdade nos discursos. Pelo contrário, mostra que a problemática da verdade pode ser interpretada como a inscrição e, assim, a leitura das marcas que fazem um discurso-enunciado apresentar-se como verdadeiro ou falso,

¹ A partir do 5º volume de suas memórias, o narrador, Pedro Nava, afirma que passará a narrar a história de seu primo-amigo, que é, coincidentemente, "uma espécie de xerox da sua" (NAVA, 2003, p. 110).

² Inicialmente, podemos definir os gêneros autobiográficos como aqueles realizados em discursos em que há efeito de identidade entre enunciador, narrador e ator central do enunciado.

mentiroso ou secreto. Entretanto, conforme evidencia o semiótico, esses dispositivos não garantem a transmissão da verdade, que depende de mecanismos epistêmicos presentes nas duas extremidades da comunicação, nas instâncias do enunciador e do enunciatário: “um *crer-verdadeiro* deve ser instalado nas duas extremidades do canal de comunicação, e é esse equilíbrio, mais ou menos estável, esse entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes que nós denominamos contrato de veridicção” (1983, p. 486).

Neste texto, será apresentado um estudo dos memoriais acadêmicos³, um gênero autobiográfico, em que, seguindo a lição de Greimas, as marcas de veridicção serão buscadas no próprio discurso. Para isso, trabalharemos com as noções de acontecimento e de exercício, propostas por Zilberberg (2007), o que permitirá a articulação do grau de afetividade dos discursos à noção de contrato veridictório.

O acontecimento e o exercício

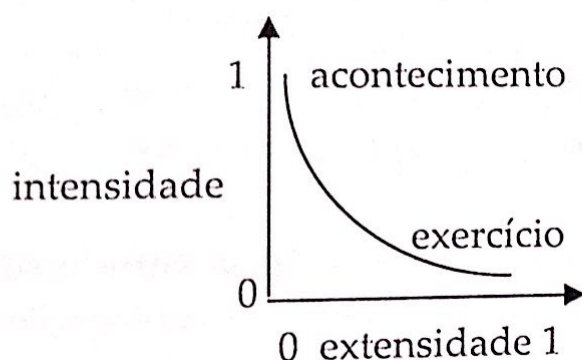
A semiótica greimasiana iniciou seus estudos dos discursos pela narratividade, dedicando-se ao exame de textos em que as transformações das relações entre sujeitos e objetos são centrais. Entretanto, como mostra Fiorin (2007), há inúmeros textos que não tratam dos “estados de coisas”, ou das ações, mas investigam principalmente as transformações dos próprios sujeitos. A chamada semiótica tensiva apresenta bons instrumentos para a análise daquilo que diz respeito aos “estados de alma”, uma vez que traz a afetividade para o centro da teoria, como revela Zilberberg (2006): “longe de apenas admitir, como que a contragosto, a afetividade, circunscrevendo-a à modesta função de adjunto adverbial de modo, preferimos acolhê-la, sob a denominação de intensidade, como grandeza regente do par derivado da esquizia inaugural” (p. 169). Essa esquizia inaugural diz respeito a uma primeira articulação semiótica da percepção.

A tensividade constitui-se como o lugar imaginário em que a intensidade (o sensível) e a extensidade (o inteligível) se unem. Essa junção define um espaço tensivo para as grandezas que têm acesso ao

³ Foram analisados 26 memoriais, das áreas de Literatura e Linguística, da USP, da Unicamp e da Unesp, produzidos a partir dos anos 70.

campo de presença do sujeito. Logo, qualquer grandeza que entra no campo de presença é qualificada em termos de intensidade e andamento e da tonicidade, e a da extensidade, as subdimensões da temporalidade e da espacialidade (ZILBERBERG, 2006).

Dentro dessa perspectiva, o acontecimento torna-se cada vez mais relevante. Ele é visto como o sincretismo entre o andamento e a tonicidade que compõem o eixo da intensidade, pois se trata daquilo que surpreende o sujeito, que satura seu campo de presença, e que, num primeiro momento, é ininteligível. Pode apenas ser sentido. Corresponde a um aumento do andamento e da tonicidade, mas não a um aumento lento, processual, e sim brusco, como um salto. Há uma aceleração, percebida como a entrada súbita de uma dada grandeza no campo de presença, muito antes que se pudesse prever sua chegada. A tonicidade também é elevada ao seu grau máximo, uma vez que o sujeito é tomado em sua integralidade pelo acontecimento e sente seu impacto. Já o exercício configura-se como aquilo que se opõe a tudo isso. Como mostra o gráfico apresentado a seguir, ele corresponde à lentidão e ao mínimo impacto.



O sujeito que vive o acontecimento, experiência de ordem afetiva, não é um sujeito do agir, mas aquele que suporta, que sofre seus efeitos. Trata-se de um sujeito de estado e não de um sujeito operador. Com relação ao que Zilberberg (2007) nomeia modo de eficiência, que é a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença, o acontecimento corresponde à modalidade do sobrevir, que significa dizer que a grandeza se instala no campo de presença sem nenhuma espera, e o exercício à do "pervir" (conseguir), que se dá quando o processo é efetuado segundo o desejo do sujeito. O sobrevir e o "pervir" são regidos pelo andamento.

Com relação ao que o autor define como modo de junção, ou seja, a condição de coesão pela qual um dado é ou não afirmado, o acontecimento, que institui o inusitado, funcionaria de acordo com o modo da concessão (embora *a*, no entanto *b*), já que ele subverte a causalidade postulada pela implicação (se *a*, então *b*), que é a lógica do exercício.

Com relação ao modo de existência, diferencia-se o foco, ou a focalização, da apreensão. O primeiro corresponde à ideia de ter em vista algum resultado e se inscreve como a mediação entre a atualização e a realização. O segundo diz respeito ao estado do "sujeito de estado [...] inicialmente espantado, impressionado, depois, dali em diante, marcado pelo que lhe aconteceu, estado que corresponde à potencialização, à formação desse mistério: o sobrevir. Assim, a apreensão produz uma 'boa' transição entre o sobrevir e a potencialização" (ZILBERBERG, 2007, p. 22). O quadro abaixo resume essas ideias:

determinados → determinantes ↓	o exercício ↓	o acontecimento ↓
modo de eficiência →	pervir	sobrevir
modo de existência →	focalização	apreensão
modo de junção →	implicação	concessão

O acontecimento realiza, então, a concordância entre o sobrevir, a apreensão e a concessão, já o exercício faz a homologação entre o "pervir", a focalização e a implicação. De posse desses conceitos, podemos, agora, passar à análise.

O memorial acadêmico

O memorial acadêmico é um gênero que pertence à esfera das atividades científicas e acadêmicas. Sua temática é a recriação da trajetória intelectual e profissional daquele que escreve. Esse gênero possui uma finalidade clara que é a de fazer com que essa trajetória seja aprovada por uma banca, já que os memoriais são escritos para um concurso, às vezes de livre-docência, às vezes de titularidade, outras para

o ingresso como professor em uma universidade. Então, há um enunciatário que, por meio da escritura de sua vida, busca comprovar que foi adquirindo competências suficientes para receber uma sanção positiva do enunciatário.

Tendo em vista a finalidade do gênero, é pertinente investigar de que forma o percurso da vida é nele construído. Tal percurso é apresentado como o encadeamento de fatos planejados pelo sujeito ou como uma sucessão de acontecimentos inesperados e imprevistos, que o abalam? A primeira hipótese levantada foi a de que os memoriais, por visarem à construção de uma imagem positiva da competência do sujeito, deveriam mostrá-lo como aquele que desde o início sabia o que queria e ainda conseguiu realizar o que havia planejado, apresentando, assim, uma vida mais de acordo com a noção de exercício, que une uma baixa intensidade a uma alta extensidade, ou seja, uma vida com pouca afetividade⁴. Afinal, no meio acadêmico, geralmente não há espaço para revelar a interferência do sensível ou ainda da afetividade nas escolhas de cunho científico.

De fato, muitos exemplos corroboram essa primeira hipótese. No memorial de Leite (2006), a narradora mostra que as decisões do ator do enunciado, ao longo de sua vida, foram sempre pautadas pela preocupação com a educação, e sua carreira acadêmica aparece como uma consequência “natural” de suas ações e anseios:

Poderia iniciar minha narrativa dizendo que a opção pela educação não foi uma tomada de posição madura e adulta. Pelo relato de meus pais, e pela lembrança que tenho de alguns fatos da infância, sei que desse período foi a preferência por não deixar sem as letras as pessoas mais simples que passaram por mim. [...] Profissionalmente, então, o curso de Magistério foi o primeiro partido em favor da educação, em 1975 (LEITE, 2006, p. 10).

Esses fatos implicaram a minha nomeação para dirigir a maior escola da cidade, o Instituto de Educação Euclides Dantas (105), em que estudavam três mil alunos, incluindo os alunos da Escola de Aplicação, da alfabetização à 4ª série. Nessa escola, pude dar

⁴ Retomamos aqui a concepção de que a afetividade é tratada, pela semiótica dita tensiva, como intensidade.

continuidade ao meu ideal de educação participativa [...] (LEITE, 2006, p. 11).

O trabalho de educação desse nível pode parecer, agora, desconectado do rumo que tomou minha carreira, **mas essa é uma falsa impressão, pois a educação é, ainda hoje, presente em minha vida** [...] (LEITE, 2006, p. 11).

Ser competente, em memoriais como o de Leite, não parece ser apenas saber fazer um texto coeso, mas também costurar uma vida sem grandes sobressaltos. Entretanto, em inúmeros textos do gênero, há passagens que fogem – ainda que pontualmente – a essa noção de exercício. É o caso do fracasso de Negrão em relação à carreira escolhida, da experiência da destruição do antigo prédio da Faculdade na rua Maria Antonia ou ainda da mudança de rumo vividas por Arrigucci Jr., do dia em que Ilari presenciou o choro de um antigo professor diante da biblioteca do amigo morto, e do fim dos “planos casamenteiros” de Discini. Esses são alguns dos exemplos de momentos em que o andamento e a tonicidade parecem intensificar-se, em menor ou maior grau. Com isso, vê-se que, nos memoriais acadêmicos, aquilo que é recebido como impacto, por ser inesperado, também tem seu lugar.

Não conseguir minha primeira opção foi um **grande fracasso** para mim naquele momento. Hoje, no entanto, vejo meu ingresso na segunda opção como uma das causalidades que mudaram o meu percurso (NEGRÃO, 2004, p. 8).

Lembro-me nitidamente daquela manhã em que **assisti, estarecido** como tantos, à verdadeira batalha que se travou na rua Maria Antônia e de que resultou, entre tantas perdas, a destruição do prédio de nossa Faculdade (ARRIGUCCI JR., 1990, p. 12).

Quando hoje penso nessa fase da minha vida, me dou conta de que **alguma coisa de fundamental aconteceu comigo** então e decidi os rumos que eu devia tomar depois, **empurrando-me** para a direção da literatura (ARRIGUCCI JR., 1990, p. 3).

Aí aconteceu o que eu não poderia esperar; olhando perdido para as estantes do escritório, pôs-se a chorar, enquanto repetia a frase terrível:

'quando eu morrer, tudo isso vai virar cisco'. [...] desde então perdi a vontade de juntar livros (ILARI, 1996, p. 16).

De repente se desestabilizaram os planos casamenteiros [...] (DISCINI, 2002, p. 9).

Nessas passagens, algumas características próprias do acontecimento ficam bastante evidentes: o sujeito sofre os efeitos do que ocorreu, não sendo um sujeito do agir. Em Negrão e Discini, por exemplo, é mostrado o fracasso de algo que ocorre independentemente de suas vontades. Em Arrigucci Jr., primeiro aparece o verbo de sensação "assistir", que diz respeito a uma experiência passiva, e em seguida a ideia de que algo aconteceu com ele, ou seja, não foi o sujeito a sua causa. Algo semelhante vemos em Ilari. Além disso, as duas primeiras citações deixam bem claro que a compreensão do que se passou só veio depois, quando o fato virou lembrança e foi reinserido numa ordem causal. Sequências como "aí aconteceu o que eu não podia esperar" e "de repente" mostram a entrada de uma grandeza no campo de presença do sujeito como acelerada e ainda uma contração momentânea da temporalidade. O impacto sentido, ou seja, o aumento da tonicidade, pode ser percebido em expressões como "grande fracasso", "estarecido" e mesmo no prolongamento dos efeitos do choque ao longo da vida: "desde então perdi a vontade de juntar livros". Embora o momento de impacto seja vivido como breve, o tempo do acontecimento é longo do ponto de vista de sua duração na memória.

Evidentemente, entre esses exemplos, há poucos em que realmente se apresenta o que Zilberberg (2007) chama de acontecimento. Para isso, o impacto teria que ser percebido pelo sujeito como ainda mais brutal, elevando muito o que é da ordem dos afetos, do sensível, e praticamente anulando o que é da ordem do inteligível, em um primeiro momento. Nos trechos citados, a intensidade é elevada, mas raramente sua força é tanta quanto a que encontramos nos discursos autobiográficos literários, como podemos ver no exemplo retirado da obra *Baú de Ossos*, de Pedro Nava (2000). Na passagem citada a seguir, o narrador descreve-se observando, já adulto, a casa de sua infância:

Foi preciso o **milagre** da *memória involuntária*. Eu tinha ido me refugiar na rua maternal, tinha parado no lado ímpar, defronte do 106, cuja fachada esbatia-se na noite escura. Olhando as janelas apagadas. Procurando, procurando. **De repente uma acendeu e os vidros se iluminaram mostrando o desenho, trinta anos em mim adormecido. Acordou para me atingir em cheio, feito bala no peito, revelação – como aquele raio que alumbrou São Paulo e fê-lo desabar na Estrada de Damasco.** Na superfície fosca, alternavam-se quadrados brilhantes, cujos cantos se ligavam por riscos octógonos. Essa luz prestigiosa e mágica fez renascer a casa do fundo da memória, do tempo; das distâncias das associações, da lembrança. Como ela era! com suas janelas abertas ao vento, ao calor, às manhãs, aos luas. Foi aquele tumultuar, aquele entrechoque arbitrário de diversidades se conjuntando em coisa única: consubstanciaram-se as ferragens caprichosas da frente, os dois lances da escada de pedra, bicos de gás da sala de jantar, as quatro figuras de louça da varanda (Primavera, Verão, Outono, Inverno), um velho oratório, o baú cheio de ossos, o gradil prateado, o barulho da caixa d'água, o retrato da prima morta, o forro de couro macio das espreguiçadeiras, o piano preto e o cascalhar de suas notas e escalas ao meio-dia, os quartos, os ângulos do telhado, os rendados de madeira da guarnição do frontispício, silêncios, risos, tinidos de talher, frescuras de moringas de barro, vozes defuntas em conversas outrora, murmúrio noturno das ondas do rio Comprido, avencas e begônias, minha Mãe convalescendo, meu Pai chegando, minhas tias, as primas – tudo, tudo, todos, todos se reencarnando num **presente repentino; outra vez palpável, visível, magmático, coeso, espesso e concentrado – tal a súbita franja feita por limalha de ferro atraída pela força dum ímã.** À luz daquela janela, ao fanal daquela vidraça! **Ponto crioscópico fazendo cristalizar** a velha casa há tanto diluída e surgir sua fachada antiga e juvenil em lugar da que eu tinha diante de mim, máscara mortuária cheia de cicatrizes como as de um rosto que se tivesse desfigurado com a espadana de um pote de vitríolo. **Eu olhava deslumbrado** quando o automóvel parou e ouvi as gargalhadas de Maria do Carmo e José Nabuco perguntando que sem-vergonhice eu estava fazendo? naquele bairro, naquela rua, àquela hora. Ri também, consentindo. **Como é que eu poderia explicar?** que estava ali completando oito anos de idade e que meu Pai, indagora! ressurgia dos mortos para me dar nossa casa nova em folha... Nela eu entro, na velha casa, como ela entrava nos jamais. Esse portão. [...] (p. 289-290).

Vemos nesse trecho a ruptura instaurada pelo acontecimento, que é a própria memória involuntária atingindo em cheio o sujeito, como “um raio”. Todo o seu campo de presença é tomado – “de repente” ou de forma “súbita” (expressões que mostram o andamento acelerado) – pela visão do sobrado da infância, a ponto de o sujeito não notar a chegada do automóvel com seus amigos e sentir dificuldade de explicar o que ocorreu. É como um “milagre”, que o narrador aprecia “deslumbrado”, o que revela o recrudescimento da tonicidade. A concentração do tempo e o fechamento do espaço, que corresponderiam a uma extensidade quase nula, aparecem figurativizados em expressões como: “presente repentino”, “palpável, visível, magmático, coeso, espesso e concentrado”, “súbita franja feita por limalha de ferro atraída pela força dum ímã” e ainda em “ponto crioscópico” que cristaliza a casa antes “diluída”, ou seja, perdida na extensidade do tempo e do espaço e, por isso, pouco tônica para o sujeito.

Apesar das diferenças com relação às obras literárias, pequenos acontecimentos – se é que podemos chamá-los assim – também estão presentes nos memoriais acadêmicos. Não possuem a mesma tonicidade e aceleração dos que encontramos na literatura, mas tampouco se pode dizer que não haja neles intensificação daquilo que é da ordem do sensível, como se nota nas expressões, já citadas: “grande fracasso”, “alguma coisa de fundamental”, “estarecido”. Todas elas mostram o modo como os sujeitos perceberam aquilo que foi vivido. Ao acreditarmos que os memoriais apresentariam os eventos apenas como exercício, ignoramos o fato de que os discursos desse gênero, para que cumpram sua finalidade, devem ser peculiarmente verossímeis⁵, ou seja, precisam construir o simulacro da vida do acadêmico de forma a convencer de que essa vida de fato existiu, de que não se trata de pura invenção. Talvez uma vida excessivamente coesa, em que todos os eventos já estivessem predeterminados, esbarrasse nesse tipo de problema.

⁵ Como mostram Greimas e Courtés (1983, p. 489-490), a noção de verossimilhança está diretamente ligada à questão da veridicção. Ela diz respeito a mecanismos estereotipados de uma dada cultura que servem para *fazer parecer verdadeiro* um discurso. Trata-se de um critério veridictório para avaliar apenas discursos narrativos e figurativos, como é o caso do memorial acadêmico.

Assim, no que diz respeito à tensividade, uma das formas de criar o efeito de verossimilhança e o de realidade – nos quais se baseia o contrato de veridicção dos memoriais acadêmicos – é estabelecer essa espécie de pulsação, que consiste em pequenos aumentos e diminuições no eixo da intensidade, que determinam, numa relação inversa, diminuições e aumentos no eixo da extensidade. É o que deixa claro a afirmação de Negrão (2004): “Ao empenhar-me nesta tarefa de construção de meu memorial, fui-me dando conta do estranho jogo entre as certezas que geraram certas escolhas e a casualidade que me levou a caminhos inimaginados em minha carreira acadêmica” (p. 5). A vida, matéria dos gêneros autobiográficos, não pode ser recriada discursivamente como desprovida de afetividade ou como se o grau de afetividade experimentado pelo sujeito em relação aos diferentes eventos não fosse variável, caso o enunciador queira torná-la uma vida possível.

Logo, se a intensidade nunca é muito elevada nos memoriais acadêmicos, conforme já foi dito, é importante ressaltar que ela varia e que essa variação tem seus reflexos na extensidade. Entretanto, algumas obras parecem fugir a essa característica do gênero de ser tanto menos tônico como menos acelerado e, assim, dão a impressão inicial de constituírem-se por meio de uma sequência de rupturas. É o caso do memorial de Possenti (1994), no qual o narrador conta que nasceu numa pequena cidade de Santa Catarina, habitada por descendentes de bergamascos, e que, de certa forma, só prolongou os estudos por não ter jeito com a roça. Foi o acaso que fez com que não cumprisse o destino comum aos outros moradores da pequena vila. Quando estava no mestrado, uma moça, após ouvir a história de sua origem, demonstrou não entender como o rapaz havia conseguido chegar até lá: “Só o acaso permite que alguém de fora entre nos lugares previamente destinados aos predestinados” (p. 14), comenta o próprio narrador. Assim, o ator do enunciado vai sendo carregado pela vida em direção à carreira acadêmica, sendo surpreendido sempre pelos rumos inesperados que ela vai tomando. A consciência a respeito do caminho trilhado ocorre *a posteriori*.

No nível tensivo, há então, nesse memorial, muitos momentos de aceleração e aumento da tonicidade, que têm seus efeitos no nível discursivo. Não existe a ideia, por exemplo, de que o simples esforço leva à ascensão social, o que corresponderia a dizer que se qualquer pessoa se empenhasse, mesmo desprovida dos meios econômicos para isso,

conseguiria melhorar sua qualidade de vida. Pelo contrário, o memorial de Possenti, ao mostrar a ascensão como fortuita, deixa entrever a concepção de que condições sociais, que independem dos desejos de cada indivíduo, podem ser determinantes no que diz respeito a escolhas de profissão, situação econômica e social de cada família, grau de escolaridade, acesso a certo tipo de cultura, etc. Nos exemplos citados a seguir, o narrador evidencia que alguns encontros e desencontros direcionaram seu percurso profissional:

Conhecer Jaeme e Helena foi tão fundamental para as minhas um pouco **casuais** decisões futuras quanto conhecer Dom Orlando e aceitar sua proposta (POSSENTI, 1994, p. 10).

Faria certamente tese nesta área se não **surgisse** uma forte incompatibilidade com quem seria o óbvio orientador (POSSENTI, 1994, p. 15).

Trata-se de uma vida que, no nível do narrado, realiza-se quase sem o controle do sujeito e que parece se basear na lógica concessiva, própria do acontecimento, e não na implicativa. Afinal, embora tenha nascido em um “povoado”, chegou a ser professor da Unicamp. Entretanto, Zilberberg (2007), no texto já citado, afirma que o modo concessivo traz em si o seu limite, ou seja, a concessão “deve se limitar a si mesma, senão criaria, a sua revelia, uma regularidade que ela vem abalar” (p. 24). Uma vez que a concessão comece a se repetir, cria-se uma espécie de lei, e o que era inesperado torna-se já esperado, afinal *é sempre assim*. A repetição, nesse caso, enfraquece o impacto sensível e aumenta a previsibilidade, que é da ordem do inteligível. Assim, o ator do enunciado vive diversos pequenos acontecimentos que o abalam, mas para o sujeito da enunciação (composto de enunciador e enunciatário), que vai percebendo essa lei, o acontecimento é esvaziado de sua carga intensiva, já que se torna previsível. O ator do enunciado é construído, nesse memorial, como aquele que está *sempre* fora dos padrões, que *sempre* foge à regra, como mostram as palavras do próprio narrador:

Sempre que estou num lugar, estou fazendo o que se faria num outro. No ginásio e no colégio só li e estudei bobagens; quando devia fazer um curso de filosofia, li literatura; quando fui estudar documentação,

lecionei lógica; quando fui ser professor de lógica, estudei filosofia, literatura e linguística (POSSENTI, 1994, p. 14).

Torna-se, então, relevante para este estudo separar o que ocorre no nível do enunciado e no da enunciação. Como vimos no memorial de Possenti, aquilo que é acontecimento para o ator do enunciado, para o sujeito da enunciação vai perdendo sua intensidade ao repetir-se, ganhando extensidade no discurso. Logo, o enunciador e o enunciatário passam a perceber a sequência de rupturas na vida do ator do enunciado como exercício. E esse memorial, que parecia romper as coerções do gênero, termina por adequar-se a elas, embora também revele traços da *relativa* estabilidade dos gêneros de que trata Bakhtin (2006).

Afeto e movimento

Em resumo, nos memoriais estudados até o momento, o efeito de realidade fundamenta-se, no que diz respeito ao nível tensivo, numa pequena variação de tonicidade e andamento, que tem suas respostas também no eixo regido, o da extensidade. O memorial acadêmico, por ser um discurso autobiográfico, produz um simulacro da vida e perderia verossimilhança caso não a encenasse como sendo feita de uma certa oscilação entre o exercício e o acontecimento. Seja no meio acadêmico e científico, seja nas atividades humanas cotidianas e não institucionalizadas, a vida não será, geralmente, compreendida como algo completamente coeso. Isso fica evidente na afirmação da epígrafe, atribuída ao médico José Egon Barros da Cunha: “a vida é um romance sem enredo”. O médico enaltece a vida como acontecimento e não como exercício. Se os eventos fossem percebidos apenas como exercício pelo sujeito, o futuro seria mostrado como totalmente programável, o que não parece aceitável na autobiografia literária nem mesmo no memorial acadêmico.

Assim, o contrato veridictório dos memoriais estabelece que a afetividade deve pulsar ao longo do discurso. Podemos tomar como outro exemplo as palavras de Bergson (2006, p. 2), que também expressam a concepção de que a afetividade é dinâmica. Quando reflete sobre a natureza da duração, o filósofo opõe-se à ideia de que a mudança reside na passagem de um estado a outro, pois para ele mudamos sem cessar: “um leve esforço de atenção revelar-me-ia que não há afeto, não

há representação ou volição que não se modifique a todo instante; se um estado de alma cessasse de variar, sua duração deixaria de fluir”.

No entanto, insistimos na ideia de que parece não haver lugar para picos de tonicidade e grandes acelerações nos memoriais, uma vez que isso poderia revelar um total descontrole do sujeito com relação à sua trajetória, comprometendo a própria finalidade do gênero: convencer o enunciatário a respeito das competências acadêmicas do enunciador. Isso não significa que não possa haver memoriais que rompam parcialmente o contrato de veridicção estabelecido, mas até o momento não encontramos nenhum que chegasse ao extremo de uma subversão total dos modelos de previsibilidade instaurados pelo gênero, tornando-se assim um “acontecimento”, no que diz respeito a esses modelos.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI Jr., D. [*Memorial acadêmico*]. FFLCH-USP. 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERGSON, H. *Memória e vida*. Textos escolhidos. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DISCINI, N. [*Memorial acadêmico*]. FFLCH-USP. 2002.
- FIORIN, J. L. Paixões, afetos, emoções, sentimentos. *CASA. Cadernos de Semiótica Aplicada*. Araraquara, Unesp, 2007, v. 5, p. 1-15.
- GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- ILARI, R. [*Memorial acadêmico*]. IEL-Unicamp. 1996.
- LEITE, M. Q. [*Memorial acadêmico*]. FFLCH-USP. 2006.
- NAVA, P. *Baú de ossos*. São Paulo: Ateliê, 2000
- NAVA, P. *Galo-das-trevas*. São Paulo: Ateliê, 2003
- NEGRÃO, E. [*Memorial acadêmico*]. FFLCH-USP. 2004.
- POSSENTI, S. [*Memorial acadêmico*]. IEL-Unicamp. 1994.
- RICOEUR, P. La mémoire saisie par l’histoire. *Revista de Letras*. São Paulo, UNESP, 2003, 2 (43), p. 15-25.

ZILBERBERG, C. Síntese da gramática tensiva. *Significação*. Revista brasileira de semiótica. São Paulo, Annablume, 2006, n. 25, p. 163-204.

ZILBERBERG, C. Louvando o acontecimento. *Revista Galáxia*. São Paulo, PUC-SP, 2007, n. 13, p.13-28, jun.